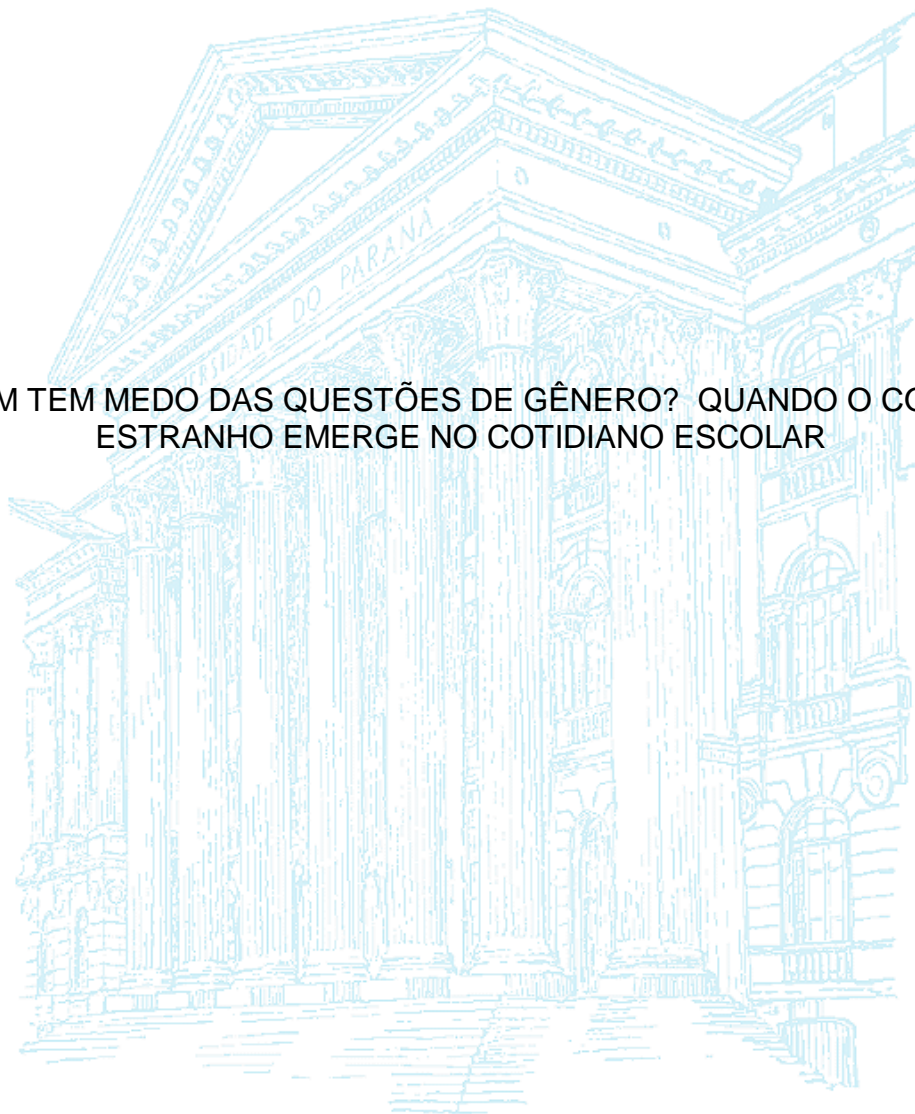


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

TAIS ALVES TEIXEIRA

QUEM TEM MEDO DAS QUESTÕES DE GÊNERO? QUANDO O CORPO
ESTRANHO EMERGE NO COTIDIANO ESCOLAR



CURITIBA
2016

TAÍS ALVES TEIXEIRA

QUEM TEM MEDO DAS QUESTÕES DE GÊNERO? QUANDO O CORPO
ESTRANHO EMERGE NO COTIDIANO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós- Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Professora Luize Bueno de Araujo

CURITIBA
2016

QUEM TEM MEDO DAS QUESTÕES DE GÊNERO? QUANDO O CORPO ESTRANHO EMERGE NO COTIDIANO ESCOLAR

Taís Alves Teixeira¹
Luize Bueno de Araujo²

¹Professora de História da rede estadual de São Paulo, estudante do curso de Geografia pelo IFSP historiadasmulheres@gmail.com

²Tutora do curso Gênero e diversidade na escola UFPR. Mestre em Comportamento Motor pela UFPR. luizebueno@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo investigar a implantação do programa *Transcidadania* no (Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos, CIEJA), na cidade de São Paulo. Procurou-se entender de que forma a implantação deste programa vem modificando a unidade escolar.

Palavras-chave: Programa Transcidadania, educação de jovens e adultos, pedagogia pós-crítica.

ABSTRACT: This study aims to investigate the implementation of the program *Transcidadania* in CIEJA (Center Integrate of Education for Young and Adults), São Paulo city. Try to understand how the program implementation has modified the school.

Keywords: Program Transcidadania, education for young and adults, post-critical pedagogy.

INTRODUÇÃO

“Diferença, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso.”

(LOURO, 1997, p 57)

A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental sempre esteve disposta a separar os sujeitos: adultos de crianças, protestantes de católicos, ricos de pobres e inevitavelmente meninos de meninas. Mesmo após diversas reformulações do currículo e a inserção de novas abordagens pedagógicas ainda é possível perceber o hábito de separar educandos, seja por gênero ou desenvolvimento intelectual, de forma que esta hierarquia ainda se faz presente nas práticas cotidianas escolares (LOURO, 1997). Dentro desta perspectiva, como uma menina que não se sente confortável no gênero que lhe foi profetizado pode, neste espaço de separação, dizer aos seus docentes e colegas de classe que, apesar das roupas ou do seu nome masculino é uma menina?

“O silêncio é a estratégia discursiva dominante, tornando nebulosa a fronteira entre heteronormatividade e homofobia”. Não existe representação da afetividade de homossexuais, bissexuais, lésbicas, travestis e transgêneros nos livros didáticos e no espaço escolar. Assim, o cotidiano de uma mulher ou homem *trans* em uma escola com estas práticas é constituído de momentos de invisibilidade, violência e negação (LIONÇO e DINIZ, 2009, p.52). Ao levar em consideração que o (a) professor (a) historicamente se constituiu como sujeito cartesiano, detentor do saber, inclusive em uma perspectiva iluminista, perpetuando a lógica bancária de ensino e, portanto, ainda alimentando certezas de que *“o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem”* (FREIRE, 1996, p 67); é possível elucubrar a respeito do que faz do ambiente escolar um lugar tão hostil para quem está fora da dita heteronormatividade. Além de problematizar o fato da escola ser efetivada como local que historicamente desempenha a função de fabricar corpos dóceis. *“É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”* (FOUCAULT, 2010, p. 132). Desse modo, é

preciso distinguir as características deste corpo dócil como corpo “que pode ser transformado” para que não se relacione diretamente ao corpo transexual ou mesmo ao corpo travesti, pois o corpo dócil é fruto de uma arquitetura funcional hierárquica. Tal arquitetura se dá, por exemplo, no modo como se configura uma sala de aula onde a disciplina, a vigilância e a regra são presentes a qual tem por objetivo criar uma coerção corporal individual e coletiva. O corpo transgênero pode, neste contexto, ser considerado um desvio de conduta ou que não se submeteu ao processo de docilização.

Portanto, a escola como uma instituição disciplinar tem o objetivo de dar continuidade ao projeto de docilização dos corpos e no contexto de um mundo globalizado, no qual segundo o geógrafo Milton Santos “*A globalização mata a noção de solidariedade, desenvolve o homem à condição primitiva do cada um por si (...), como se voltássemos a ser animais da selva (...)*” (SANTOS, 2008, p. 68). Neste ambiente parece haver algum tipo de permissão para expurgar toda misoginia, homofobia, transfobia e lesbofobia partindo da lógica do discurso heteronormativo. Afinal, para muitos docentes e gestores estas discussões levantadas por meio das pesquisas em pedagogia pós-crítica, que procuram instabilizar este lugar normativo que é a escola, não passam de palavras bonitas. No entanto, se levar em consideração que, em âmbito escolar “*a tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como ‘natural’*” (LOURO, 1997, p. 63), torna-se premente estudar de que forma estas certezas postas e naturalizadas podem ser desmanteladas.

OBJETIVO

Desse modo, o presente artigo analisou o cenário de debate em torno da educação para a população *trans* na rede municipal de ensino, ao indagar como as questões de gênero e diversidade sexual na escola têm acontecido. Mais especificamente no contexto da unidade destinada à educação de jovens e adultos CIEJA (Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos). A escolha deste recorte se deu em virtude da recente implantação do programa de reinserção social *Transcidadania*, pela atual gestão da prefeitura de São

Paulo (2013-2016), a qual abriu caminho para um debate importante em torno desse tema que tem ganhado forma na pedagogia contemporânea.

Mas como, dentro desse cenário de negação ao estudo de gênero e sexualidade nas escolas, o programa *Transcidadania* tem sido discutido nas reuniões pedagógicas? Como o nome social tem sido problematizado pela gestão e corpo docente? Como o uso do banheiro tem ocorrido na instituição escolar? Como discussões e projetos sobre homo/trans/lesbofobia tem acontecido e se tem acontecido? É em torno de questões como estas que o presente artigo se debruçou propondo entender como a unidade de ensino CIEJA tem encarado o retorno aos estudos de transexuais e travestis munidos de direitos, através do programa *Transcidadania*.

Tal programa chamou a atenção por contrariar a concepção da escola como um lugar que alimenta e atualiza discursos normativos. Portanto, apresenta um movimento de aproximação com a discussão a respeito da permanência da lógica da normatividade, que afunila e limita a práxis docente por meio de um entendimento binário e normativo da sexualidade, que impossibilita o docente e o educando de terem um olhar sensível e atento para as necessidades que emergem no cotidiano. Como Guacira Lopes Louro nos alerta, “*trata-se de por em questão relações de poder que compartilhamos, relações nas quais estamos enredadas/os e que, portanto, também nos dizem respeito*” (1997, p. 65). Desse modo, o objetivo é investigar a implantação do programa *Transcidadania* no CIEJA, ao levantar dados e questões a respeito do retorno de travestis e transexuais à escola.

METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido por meio de análise da implantação do programa *Transcidadania* com a realização de entrevistas (vide anexos) com discentes e a gestão da instituição escolar. A unidade de ensino escolhida foi o CIEJA na região central da cidade de São Paulo, por ser o pólo piloto do programa *Transcidadania*, que inicialmente atendeu 76 pessoas. Portanto, o trabalho tem como base a análise das entrevistas com pessoas atendidas pelo

programa, como meio para compreender de que maneira ocorreu o retorno destas ao ambiente de ensino. Além disso, almeja valorizar as histórias de vida marcadas pela exclusão, mas também por sonhos e desejos desta parcela da população da cidade de São Paulo.

Se a instituição escolar for compreendida como um reflexo da sociedade, a seguinte afirmação “*Quanto maior o afastamento do padrão tradicional de normalidade, maior será o preconceito e a rejeição de alguém pela sociedade*” (NINO; PIVA, 2003, p. 503), pode ser uma forma de entender como a escola em muitos aspectos tem alimentado a lógica da opressão na naturalização das ofensas e piadas em torno da sexualidade alheia. Mas isso não se restringe somente às questões de sexualidade. Está na base da educação a valorização extrema da racionalidade que aprisiona e não possibilita um olhar mais sensível e cuidadoso, como Edgar Morin nos alerta no livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro*:

O racionalismo que ignora os seres, a subjetividade, a afetividade e a vida é irracional. A racionalidade deve reconhecer a parte de afeto, de amor e de arrependimento. A verdadeira racionalidade conhece os limites da lógica, do determinismo e do mecanicismo; sabe que a mente humana não poderia ser onisciente, que a realidade comporta mistério. Negocia com a irracionalidade, o obscuro, o irracionalizável. É não só crítica, mas autocrítica (2011, p.23).

Dessa forma, por entender a escola como espaço aberto à autocrítica e produção de conhecimento no campo da diversidade, problematizar o discurso heteronormativo neste espaço é o desafio que neste momento se faz necessário, devido à efervescência do discurso de ódio por parte de segmentos da sociedade civil em relação a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTT).

RESULTADOS

O medo é uma linha que separa o mundo
(Lenine)

Medo, palavra recorrente no cotidiano de pessoas *trans*, este termo

apareceu em muitos momentos nos relatos das alunas que de forma unânime declaram ter sentido nas escolas que frequentaram ao longo de suas vidas. A escola como o principal lugar de socialização de crianças e adolescentes, carrega este estigma. Para as entrevistadas durante muito tempo caracterizou-se como lugar de sofrimento e, neste sentido, apresentam respostas similares ao serem questionadas se o ambiente escolar lhes causava algum tipo de medo:

Estudante 1

Sim, sim. Porque sempre tinham alunos que esperavam eu e mais duas... duas... como eu posso dizer? Dois homossexuais que tinham na escola. Esperavam nós três pra querer bater, pra fazer arruaça, pra xingar.

Estudante 2

Eu amava estudar, minhas notas sempre excelentes, porém a questão de ir pra escola e o ambiente hostil... Porque os professores faziam de conta que não viam. Você ia na diretoria reclamar e naquela época você escutava “É só você não ficar com gracinha, com viadagem, que você não vai passar por isso!

Estudante 3

Algumas vezes sim... Porque foi no início em que começou a haver doenças e uso de drogas ...

De forma recorrente as entrevistadas relataram como o medo sempre esteve atrelado a suas histórias de vida e como a escola sempre esteve associada a este sentimento. Entretanto, o CIEJA tem conseguido transpor esta realidade da escola como lugar do medo e da dor, uma das entrevistadas relatou uma mudança neste sentido, segundo a estudante está havendo um novo olhar da escola para a população *trans*. Todavia o cenário em que se encontra a discussão do tema gênero e diversidade na escola na cidade de São Paulo demonstra o quanto é preciso problematizar e discutir cada vez mais o tema.

No mês de agosto de 2015 a câmara municipal da cidade de São Paulo negou a inclusão do termo “gênero” no Plano Municipal de Educação. Segmentos católicos e protestantes de um lado e militantes LGBTTT (Lésbicas,

Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) de outro marcaram presença na votação que finalizou com a não aceitação do termo “gênero” no PME (Plano Municipal de Educação), afinal para uma parcela da sociedade civil, a questão de gênero não deve ser discutida no ambiente de ensino.

Mas, por que este tema causa tanto medo a ponto de ser uma pauta de discussões acaloradas? O fato de existir discussões questionando se homens e mulheres são produtos da realidade social e não somente da anatomia dos seus corpos causa receio e medo, em uma grande parcela da população. Basta recordar a discussão que houve a respeito da questão do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) em 2015, na qual a célebre frase da filósofa Simone de Beauvoir "*Não se nasce mulher, torna-se mulher*" foi mencionada. Mas, se segmentos da sociedade civil não reconhecem as questões de gênero e de identidade de gênero como relevantes no contexto educacional talvez estejam de alguma forma se beneficiando das desigualdades naturalizadas por este processo histórico de negação e invisibilização de uma parcela da população. Mas, se segundo Anthony Giddens "*há uma revolução global em curso no modo como pensamos sobre nós mesmos e no modo como formamos laços e ligações com outros*" (2006, p.61), tais palavras podem nos apontar um horizonte de esperança. Assim, toda a polêmica em torno deste tema nos mostra que estamos caminhando por um trajeto que nos levará a questionar valores tradicionais inventados possibilitando repensar e resignificar valores naturalizados.

Neste sentido, parece que esta resignificação tem acontecido no CIEJA. Em um dos relatos uma estudante descreve a unidade de ensino como um segundo lar, diz que diferentemente das demais escolas se sente segura, acolhida pelos docentes funcionários e gestores, ou seja, mesmo que o PME não tenha reconhecido a discussão de gênero e diversidade já está acontecendo cotidianamente a inserção do debate na escola e isso se deve à presença ativa da população *trans* na sala de aula.

O *Transcidadania*, é um programa especial da Secretaria Municipal de Direitos Humanos que funciona em uma unidade do CIEJA e em uma EMEF (Escola Municipal de Ensino Fundamental) na cidade de São Paulo os seus

beneficiários recebem um auxílio para permanecer estudando no valor de R\$ 827,40. No caso do CIEJA, este funciona de maneira singular em horários alternativos para atender ao público de jovens fora da idade escolar, adultos, idosos e pessoas com deficiência. Um lugar caracterizado pela diversidade. É neste ambiente com tantas especificidades que o programa *Transcidadania* ganhou espaço e força por iniciativa da Secretaria Municipal de Direitos Humanos em parceria com a Secretaria Municipal de Educação.

Na entrevista realizada no dia 05/10/2015 com uma componente da gestão e três discentes *trans*, foram apresentados aspectos de um espaço escolar distinto, pois ao longo das falas apareceram de forma unânime o desejo de permanecer e reinventar aquele ambiente que por anos fora sinônimo de medo, violência, exclusão e negação.

A escolha do CIEJA, localizado na zona central da cidade de São Paulo, se deu em virtude de um estudo realizado pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos que mapeou a região onde a população *trans* permanecia, seja a trabalho ou por ter fixado residência. Entretanto, é preciso entender como o programa foi apresentado à gestão e ao corpo docente. Afinal, não basta apenas encontrar uma unidade escolar com localização privilegiada, é preciso um grupo de profissionais preparados e inquietos em relação à constante negação do direito de acesso ao conhecimento a transexuais e travestis.

Segundo a gestora entrevistada, foi em virtude da ação da coordenadora Symmy Larrat, componente da pasta de Direitos Humanos, que o programa chegou à escola. Esta percorreu diferentes escolas e encontrou no CIEJA a possibilidade de implantação do projeto. Neste sentido, os docentes foram sensibilizados para o entendimento da importância de tal iniciativa através da realização de encontros e palestras. Outro aspecto importante em relação a esta escolha é que, para ser docente no projeto CIEJA, é preciso ser efetivo da rede municipal de ensino e ter passado por um concurso interno que tem como objetivo selecionar profissionais dispostos a trabalhar com um público heterogêneo. A coordenadora mencionou que a diretoria de ensino preparou as escolas para a temática, mas que posteriormente procurou o CIEJA para apresentar a proposta. Segundo a gestora os docentes estavam

inquieta e com muitas dúvidas sobre o programa, mas ao longo dos encontros as dúvidas foram sanadas. Nas reuniões pedagógicas o tema foi profundamente debatido, dúvidas sobre o nome social e utilização do banheiro também entraram nas discussões e segundo a coordenadora tudo foi debatido e problematizado. Entretanto, restaram dúvidas, afinal para muitos professores (as) era um tema novo e por isso, houve estudos sobre o tema a fim de aproximar os docentes do debate. A coordenadora não deixou de relatar que a falta de contato dos profissionais da educação com a sexualidade não normativa faz com que parte destes profissionais alimente preconceitos, mesmo designados para um projeto como o CIEJA que tem por objetivo vivenciar a diversidade. O que, por sua vez, acontece pela falta de conhecimento em relação a esta realidade.

Segundo a coordenação, no CIEJA a ânsia pelo saber é grande por parte deste público que já frequentava a unidade de ensino antes do programa e que aumentou de maneira significativa com a iniciativa do *Transcidadania*. No decorrer da entrevista afirma que a solidariedade e o cuidado com o outro é uma marca que acompanha estas pessoas, o que de forma geral motiva os docentes que percebem a importância de seu trabalho na construção do conhecimento. Esta solidariedade na diversidade é uma marca que o CIEJA parece carregar, pois estes sujeitos que de alguma forma foram excluídos do espaço de ensino em algum momento de suas vidas, constroem significação para o fato de hoje poderem acessar o conhecimento que lhes fora negado. Isso fica evidente ao questionar a participação e interesse acadêmico dos (as) participantes do programa *Transcidadania*, a resposta obtida pela coordenadora evidencia o entusiasmo e ânsia pelo saber.

Coordenadora:

....E quando chegou esse grupo do programa, aí chegou com muita vontade de retornar à escola, algumas colocaram a questão “Estou com medo” e eu respondi, brincando “Eu também”. ...Então, nas salas de aula surpreenderam, porque são solidárias com os colegas, porque aqui a diversidade... nós temos idosos, adolescentes, adolescentes em semi liberdade, liberdade assistida, imigrantes, migrantes de várias regiões, alunos com deficiência, nós temos 68 alunos com deficiência... Então, eles e elas são solidários com os colegas, ajudam o

professor e são dedicados ao estudo....

Após a implantação do programa, ainda na perspectiva da gestão, o cotidiano da unidade escolar mudou completamente, inclusive em termos de ação política. Durante o processo de votação do PME, algumas educandas *trans* compareceram à câmara municipal juntamente com a coordenadora para somar força com os militantes LGBTTs, que defendiam a inserção do termo gênero no Plano Municipal de Educação. Tal fato, segundo a coordenadora, foi uma experiência ímpar.

Coordenadora:

É uma escola mais feliz, mais alegre... Elas vem arrumadas, então trocam figurinhas de maquiagem, de moda. Essa questão também da luta pelo respeito contra a transfobia. Então, trouxeram também esse espírito de luta pra cá, que é muito importante.

Ao longo da entrevista ficou evidente como a educação pode promover deslocamentos epistemológicos, seja no docente ou no educando. Na tarde do dia 05/10/2015 a coordenadora geral da unidade do CIEJA afirmou o quanto esta experiência tem possibilitado uma nova forma de apreensão do conhecimento juntamente com transexuais e travestis.

Trans/cidadãs

A criação de condições para lidar de maneira adequada com os temas relativos à diversidade sexual e aos direitos sexuais nas escolas depende, em grande medida, de políticas públicas de educação e de mobilizações sociais que objetivem desestabilizar a produção de hierarquias, opressões e clivagens concernentes tanto aos padrões heteronormativos, que historicamente modularam e modulam as relações de gênero, quanto às dinâmicas de (re)produção de diferenças e desigualdades. (JUNQUEIRA, 2008, p. 163)

O programa *Transcidadania* tem encarado exatamente este desafio, o de possibilitar o acesso de uma parcela da população paulistana à educação. Isso pode ser notado pois, durante as falas as estudantes entrevistadas

afirmaram que ao saber do programa se sentiram mais seguras para voltar à escola, porque sabiam que haveria mais pessoas *trans*. Completando um ano de existência, o programa *Transcidadania* será ampliado e o valor da bolsa reajustado para R\$ 910,00, segundo notícia divulgada no jornal Folha de São Paulo do dia 21/01/2016. Portanto, aos que possuem medo da inserção das discussões de gênero e sexualidade na escola, é importante salientar que este debate já está acontecendo. Afinal, com a inserção da população *trans* no cotidiano escolar, novos problemas foram postos, como a transfobia conforme descrito pela própria gestora do CIEJA.

O que almeja este corpo estranho que ao chegar à escola faz emergir incertezas? Trazendo questões impensáveis. Afinal, é possível existir homem com vagina e mulher com pênis? Com a chegada da população *trans* ao ambiente escolar abre-se um caminho para o questionamento da perpetuação da heterossexualidade compulsória que, segundo Monique Wittig em citação feita pela filósofa norteamericana Judith Butler (2015), domina a linguagem e se impõe como a regra. Ao inserir a população *trans* e suas questões no ambiente escolar esta heterossexualidade compulsória tende a ser problematizada.

Todavia apesar do retorno desta população para a escola: a partir de qual linha pedagógica o *Transcidadania* pretende se balizar? Seria a pedagogia *queer*? Esta que está interessada justamente no processo de produção da diferença e que tem o interesse em analisar a diferença de dentro integrada na construção do eu?

Para uma pedagogia e um currículo *queer*, não seria suficiente denunciar a negação e o submetimento dos/as homossexuais, e sim desconstruir o processo pelo qual alguns sujeitos se tornam normatizados e outros marginalizados, tornando evidente a heteronormatividade, demonstrando o quanto é necessária constante reiteração das normas sociais regulatórias (...) (LOURO, 2015, p.50)

A partir desta citação de Guacira Lopes Louro, é possível inferir que não basta simplesmente trazer a população *trans* ao ambiente escolar, mas parece necessário ao lidar com tal realidade permitir-se repensar com maior profundidade as práxis pedagógicas reiteradas na escola.

Conclusão

Portanto, o presente artigo faz emergir esta inquietação: que contribuição o *Transcidadania* proporcionará para o campo da educação para a diferença? É certo que a iniciativa é pioneira e proporciona mudanças no ambiente escolar e na sociedade, ao garantir um direito constitucional às pessoas *trans*, o direito à educação. Todavia, é importante pensar uma abordagem pedagógica que se resignifique a partir de dentro do campo epistemológico da educação, uma espécie de erotismo do saber que está justamente ligado ao desejo do saber (LOURO, 2015). O que de forma latente apareceu nas falas das educandas como a própria coordenadora mencionou.

A pedagogia *queer*, nas palavras da professora Guacira Lopes Louro, está ligada a condições de emergência, com base em uma teoria política pós-identitária em que o foco se relaciona a identidades no âmbito cultural, linguístico e discursivo. “A *teoria queer* permite pensar a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero, mas além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação” (LOURO, 2015, p. 49). Mas o que causaria a inserção da pedagogia *queer* neste contexto? Estas perguntas podem ser respondidas se esta abordagem pedagógica de fato for colocada em prática tanto no CIEJA quanto na EMEF e demais unidades que venham a abrigar o programa.

Agradecimentos

Aos professores e orientadores do curso *Gênero e diversidade na escola* (UFPR), a minha orientadora Luíze Bueno de Araujo agradeço pela atenção e cuidado, aos demais tutores e professores a instituição UFPR na elaboração e realização desta formação aos profissionais da educação. Agradeço também a abertura e generosidade da equipe gestora do CIEJA e das estudantes que concederam as entrevistas. Sou grata a minha companheira Denise Pereira Rachel pela paciência, cuidado e contribuições epistemológicas; aos meus

amigos que cotidianamente resignificam a palavra família: Eliane Dias Andrade, Diego Alves Marques, Felipe Nartis; ao meu irmão William Alves Teixeira pelo cuidado e carinho e aos meus pais Claunita Alves de Oliveira Teixeira e Manoel Missias Teixeira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORAZZA, Sandra. **O docente da diferença**. In Revista Periferia – Volume 1. número 1. 2007. Disponível em: <http://www.artificios.ufpa.br/Artigos/Revista6/Dossie%20Helena%20Corazza.pdf>
Acesso em: Julho 2015.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho** - ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (orgs) **Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação**. RJ: Vozes, 2011.
- LOURO, Guacira. Lopes. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autentica, 2015.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. RJ, Vozes, 2010.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários para a educação do futuro**. São Paulo, Cortez, 2011.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. Rio de Janeiro. Record, 2008.
- Homofobia e Educação. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. pg 47. LIONÇO, Tatiana e DINIZ, Debora. Políticas de educação para a diversidade sexual: escola como lugar de direitos. pg161 JUNQUEIRA, Disponível: http://www.sxpolitics.org/ptbr/wp-content/uploads/2009/05/homofobia_e_educacao.pdf

Anexos

Entrevistas Transcidadania

Nome: Maria Adélia

Qual sua função no CIEJA?

A função aqui é Coordenadora Geral, aqui é um projeto da prefeitura, então não é diretor(a), é Coordenador Geral. Nós somos todos designados aqui, não são cargos efetivos. Nós somos lotados em outras escolas e designados aqui.

Como se deu a implantação do projeto Transcidadania no CIEJA Cambuci?

Isso aconteceu é... veio a coordenadora do projeto Transcidadania, que é um projeto da prefeitura de São Paulo, mas pela Secretaria dos Direitos Humanos e a coordenadora Simmy Larrat que é transexual também, esteve na diretoria de ensino pra fazer essa parceria com a Secretaria da Educação. Foi no final do ano passado e as matrículas começaram em janeiro deste ano (2015). Nós sabemos que a equipe do projeto Transcidadania percorreu o centro de São Paulo, nos lugares onde elas trabalhavam... as pessoas transexuais faziam ponto no centro da cidade. Então, o grupo percorreu esses locais e foi apresentando o projeto pra elas e elas foram aderindo, chamando outras. O projeto era a princípio pra 100 pessoas transexuais, travestis e homens trans. Então, elas foram chegando em janeiro e fazendo a matrícula aqui. Aqui nós temos 78, então a maioria veio pra cá, pro CIEJA Cambuci, mas alguns alunos e alunas foram pra EMEF Celso Leite (Ribeiro Filho), na região da (Av.) Brigadeiro (Luís Antonio) e algumas e poucas no ensino médio.

Gostaria de saber se houve algum curso, alguma formação oferecida pela Secretaria de Direitos Humanos para os professores e a coordenação sobre o projeto?

A princípio a coordenadora Simmy Larrat, que hoje até coordena o projeto em Brasília, não sei exatamente... acho que no Ministério dos Direitos LGTBTT; ela foi na diretoria de ensino e preparou as escolas pra receber o projeto e posteriormente veio à escola, ao CIEJA, se reuniu com os professores e apresentou o projeto tirando dúvidas... Na época existiam mais, mas ainda hoje, por conta dessa diversidade... os conceitos: o que é homem trans? O que é transexual, travesti? A diferença com o homossexual. Então, ela apresentou tudo isso e tirou as dúvidas dos professores... que também estudaram a bibliografia sobre o assunto, com ajuda do professor da área de Ciências da Natureza e Matemática, também fomos tirando algumas dúvidas. Mas não vou lhe dizer que as dúvidas não existem mais... porque existem muitas dúvidas ainda.

De que modo a gestão observa a inserção da população trans no ambiente escolar? Eles são ativos, participativos, tem uma ânsia pelo saber?

Muito... participam muito. A escola já estava acostumada com esse público, mas não nessa quantidade (risos) de pessoas. Nós tínhamos no ano passado uma... que vinha vestida como mulher, mas era uma só. No ano retrasado uma também...então, transexual travesti, era em número reduzido, mas já usava nome social, usava o banheiro feminino. E quando chegou esse grupo do projeto, aí chegou com muita vontade de retornar à escola, algumas colocaram a questão... “Estou com medo” e eu respondi, brincando “Eu também”. Porque é uma situação nova, né? Homens trans nós temos 4. Então 74 travestis, transexuais e 4 homens trans. Então, assim, nas salas de aula surpreenderam, porque são solidárias com os colegas, porque aqui a diversidade... nós temos idosos, adolescentes, adolescentes em semi liberdade, liberdade assistida, imigrantes, migrantes de várias regiões, alunos com deficiência, nós temos 68 alunos com deficiência... Então, eles e elas são solidários com os colegas, ajudam o professor e dedicados ao estudo... Parece assim, que eu vejo muitos darem continuidade aos estudos, indo pra faculdade, se você conversar com eles agora você vai ver expectativas de que vão fazer Psicologia, outra quer fazer Direito, outra quer fazer Magistério, que é muito bom também...

Você acredita que essa proposta pode ser ampliada para os outros CIEJAs?

Sim. Os CIEJAs já tem essa característica de atender à diversidade, então não vejo problema nenhum.

Como esse projeto mudou o cotidiano da unidade escolar?

É uma escola mais feliz, mais alegre... Elas vem arrumadas, então trocam figurinhas de maquiagem, de moda. Essa questão também da luta pelo respeito... contra a transfobia. Então, trouxeram também esse espírito de luta pra cá, que é muito importante. Socializam tudo isso, é muito bom.

O corpo docente teve algum tipo de choque a princípio e depois foi se adequando ou os professores conseguiram ter essa participação, esse envolvimento com elas e eles?

Acho que houve uma preocupação de que o acolhimento fosse adequado, de que elas se sentissem bem e acho que esse receio sempre teve... mas nós não temos alguém na equipe que não aceite. Embora nós fossemos descobrindo depois que tem gente que tem realmente preconceito e... aqui no CIEJA não, porque aqui já é um ambiente da diversidade, porque pra trabalhar aqui o professor tem que querer também, porque ele se inscreve, passa por um processo seletivo... Então não teve problema maior não.

Nome: Chrystiane Gabriella (estudante)

Por que você deixou de estudar?

Eu deixei de estudar assim que eu cheguei do Paraná, no ano de 1992. Eu cheguei no mês de julho. Aí como não dava pra fazer a transferência eu deixei pra começar em 93. Aí quando eu me matriculei no início tudo normal, até os dois primeiros meses, porque eles perceberam que eu era afeminada e aí começou uma perseguiçãozinha de leve. E aí de leve foi aumentando, aumentando e mais gente aderindo à chacota, à brincadeira e... quando eu vi, estava insuportável. Não tinha mais condições. Aí já começavam com

agressões. E quase todos os dias eu chegava quando a aula já tinha começado e quando faltava cinco minutos pra dar o último sinal eu já falava que ia no banheiro e sumia. Isso todos os dias pra não sofrer agressões... Só que chegou um dia que fizeram uma rodinha na saída da escola, até com meninos que nem estudavam lá e... eu fui bem agredida, entendeu. Aí eu nunca mais voltei.

Quando aconteceu isso você tinha quantos anos?

Em 93, eu tinha... treze anos... na verdade quinta série, eu estou com 36 anos, fiz agora em setembro... é treze anos, é a idade. E como eu fiquei o ano de 92 parada, aí eu comecei em 93, aí depois teve aquelas greves também, o ano em que os professores de São Paulo ficaram meses em greve e eu aproveitei e comecei a trabalhar. Tanto que o meu primeiro registro em carteira é com quatorze anos, porque naquela época podia. Eu preferi trabalhar, meu pai disse "Se você não quer ir pra escola, tem que pelo menos trabalhar". Aí eu trabalhei e aos dezesseis anos saí de casa.

A escola dessa época te causava medo?

Nossa! Todos. Eu amava estudar, minhas notas sempre excelentes, porém a questão de ir pra escola e o ambiente hostil... Porque os professores faziam de conta que não viam. Você ia na diretoria reclamar e naquela época você escutava "É só você não ficar com gracinha, com viadagem, que você não ia passar por isso! Escola é lugar de estudar! Não de ficar com safadeza!" Você está me entendendo? Era terrível...

Então não tinha nenhum apoio de nenhum professor?

Não, na verdade tive apoio de um professor, que não foi apoio, ele tinha segundas intenções. E assim, era só ali mesmo...

O que diferencia o CIEJA dessas outras escolas?

O CIEJA é o lar que eu não tive após me assumir... Porque quando eu me assumi, só a minha mãe ficou a favor de mim... O restante era todos contra

minhas atitudes. “Ai, se você fosse gay normal, você poderia sentar aqui, você poderia...” Os meus irmão diziam assim: “Se você fosse um homossexual normal, você poderia trabalhar na minha empresa, porque lá tem tantos que eu sei que são e são discretos...” Entendeu? E eles são evangélicos e eu não. E aí, o que acontece, eu não tinha como... Então, depois de anos... quando eu cheguei nesse CIEJA, eu cheguei com medo, acuada e... Maria Adélia, nossa diretora e Dani Bonini e todos! Inclusive as meninas da limpeza que são uns amores, recebem a gente com os braços abertos. E é todo dia! Cheguei hoje e “Ai, que saudade!” E só elas recebem a gente com um abraço, você viu a Dani ali. Tem um professor só, o Ribeiro aqui, sabe... que passa todos os panos. Lógico! Porque eu perco alguns dias de aula, por causa do conselho municipal LGBTT, no qual eu sou conselheira e aí eles me dão uma super força, sabe. Até brinquei com ele, “Ai, Ribeiro. Nossa! Matemática que é um medo pra mim.” Ele passa de uma forma que é fácil, ele faz você entender. Então, todos os professores, eles são demais! Nunca vi um olho torto, nunca vi uma brincadeira, nunca vi nada. Sempre agradável! Olha, eu fiquei essa semana inteira sem vir, porque eu estavam em um workshop, eu estava ansiosa pra rever os amigos. É como se eu tivesse voltado à adolescência, sabe. Como se minha vida não tivesse andado todo esse tempo, esses vinte e três anos que eu fiquei fora. Então, agora eu to na adolescência, com 36 anos me sentindo uma menina (risos).

O projeto Transcidadania foi o responsável por você voltar à escola?

Sim! Sou grata ao Transcidadania, sem dúvida. O Transcidadania foi a porta que abriu pra educação e a educação escancarou milhões de portas. Mas sem o Transcidadania, impossível de chegar à educação. Não adianta dizer: “É só ir na escola.” Não era. E o Transcidadania agiu com uma forma pedagógica, administrando os funcionários, a receptividade, tudo... Psicólogos, assistentes sociais, então, assim, todo esse ambiente foi preparado, mas sem o Transcidadania eu não sei como seria. Aqui eu tenho certeza que seria bem recebida. Mas eu nem sabia que existia um CIEJA aqui no Cambuci... Nas outras escolas... porque eu tentei... eu tentei até supletivo. Fiz supletivo, paguei

e quando chegou o diploma era falso. Era... esse diploma não tem validade lalalala... Válido apenas como preparatório para supletivo, ou seja, aquilo lá era pra eu fazer uma eliminação de matérias e diziam que eu estaria apta. Mas depois tive que fazer tudo de novo, então eu fui enganada durante oito meses...

Nesse cenário atual de votação do Plano Municipal de Educação, em que foram contra a abordagem de gênero na educação, o CIEJA tem esse papel transformador pra você?

Sim. Eu como ativista independente do movimento LGBTTT e como conselheira municipal LGBTTT da cidade de São Paulo, participei arduamente, todos os dias e o engraçado é que a nossa diretora, a nossa coordenadora ia conosco. E deu depoimento. E falou “Não, gente! Não tem nada a ver o que vocês estão falando.” Aqui são setenta meninas e acho que um homem trans e nunca teve um... como eu posso dizer... um BO. Fui sempre bem tratada e é isso.

Você acha que a transfobia, a homofobia, a lesbofobia estão ligadas à falta de conhecimento?

À falta de educação. A ignorância ela cega, limita e aprisiona as pessoas. Porque se nós tivéssemos mais CIEJAs e mais Marias Adélias e mais Danis Bonini e a equipe do CIEJA em outras escolas, não precisaria de um Transcidadania. Precisaria apenas da boa vontade das participantes de quererem ir lá e se matricularem, serem bem atendidas sempre... Agora a transfobia, homofobia, lesbofobia e outras fobias... Nesse Plano Municipal, a gente ouvia cada coisa absurda. Diziam que a questão de gênero nas escolas ia ensinar as crianças a serem travestis, ia ensinar as meninas a ficarem com outras meninas. E você chegava para os padres e falava “Mas o senhor sabe o que é identidade de gênero?”, “Não, mas isso não é coisa de Deus.” E assim, doíam os nossos corações de estar ali querendo algo que era só respeito. Só o que a gente tem no CIEJA a gente queria. Não só nós, mas todo mundo pra quem vier ser respeitado. E as pessoas gritavam, faziam crucifixo, como se fôssemos vampiros, sugadores da sexualidade de pobres crianças indefesas. É verdade...

Qual sua perspectiva para o futuro?

Me formar em Direito e lutar cada dia da minha vida pra provar que estão todos enganados, que não é com ódio que se vence nem de um lado nem de outro, mas é com o respeito. Porque eu posso não gostar de feijão, mas eu vou respeitar quem come, se eu não quiser ver a pessoa comer feijão eu viro para o lado. Eu não vou atacar ela, não é verdade? Vou lutar por isso e quero lutar até os últimos dias da minha vida pra inserir na cabeça das pessoas a visão do respeito. Porque o respeito é um direito nosso. Você tem o direito de ser respeitada, não é um favor que a pessoa está te fazendo. Respeitar é o mínimo. Eu não posso sair por aí agredindo, atacando cor, raça, credo ou opiniões das pessoas. Quando eu sinto que aquilo não vai me influenciar eu simplesmente ouço e finjo que não ouvi e assim por diante.

Nome: Janaina Santos

Por que você deixou de estudar?

Porque na época eu estava cuidando de criança, tinha recém chegado em São Paulo e precisava trabalhar. Quando eu cheguei aqui estava na escola... cursei três vezes a oitava série e não pude terminar, porque eu cuidava de crianças e nessa época precisava trabalhar. Então, eu consegui um emprego e não pude continuar porque estava muito difícil continuar indo pra escola.

O ambiente escolar nessa época te dava medo?

Algumas vezes sim... Porque foi no início em que... começou a haver doenças e uso de drogas e... algumas coisas, então... dava um certo medo, principalmente quando eu me transferi pra estudar a noite.

Você já era assumida?

Já.

E você sofreu algum tipo de preconceito, de represália?

Bom, no período diurno sim, porque eu não podia me manter, nem ser aquilo que eu era, então eu recebia críticas, piadas. E as vezes até perseguições no final da aula, atiravam pedras, pedregulhos, brincadeiras para o lado da violência.

Algum professor, algum diretor te ajudou nesse sentido?

Não me ajudaram, mas também não interferiram pra que a situação se tornasse mais agradável.

Discutir a violência contra os trans nunca foi uma pauta?

Não, nunca. Eu me retraía e... não tinha como dar continuidade porque eu tinha medo de ameaças.

Quais as diferenças entre a escola que você frequentou e o CIEJA?

Aqui eu tenho mais liberdade, eu aprendo, mesmo sendo um período mais curto eu aprendo de verdade. Porque, exemplificando, nos dias de hoje aumentou minha capacidade de raciocínio. Então eu acho que posso assimilar, tanto quanto aprender naturalmente aquilo que o CIEJA propõe sem nenhum tipo de incômodo.

O projeto Transcidadania foi responsável pela sua volta à escola?

Foi... Quer dizer, eu aguardava. Eu já estava esperando que surgisse algo assim, mas eu não tinha colocado muita fé, mas tinha essa esperança... E aí quando aconteceu, eu vi refletido aquilo que eu já estava com vontade própria de voltar a estudar. Porque estava meio em dúvida se voltava a estudar antes de saber se o Transcidadania ia acontecer, eu já estava com vontade e tinha muita dúvida se seria bom, como seria o clima, se de verdade eu voltaria a estudar, se ia sofrer algum tipo de perseguição. Se haveria alguma discórdia entre o que eu me propus, voltar a estudar, e aquilo eu era...

Você acredita que a transfobia, a homofobia e a lesbofobia são causadas pela falta de conhecimento?

Eu acho que muitas vezes sim porque ela pode ser individual e também coletiva. Uma pessoa homofóbica não significa que ela é uma pessoa má, apenas não conhece a origem da palavra fobia, que é um transtorno também. Como, eu acredito que o homossexualismo é uma doença, a homossexualidade não. Ela tem como se lidar com ela... assim como o próprio heterossexualismo também... Ninguém nasce heterossexual, mas a heterossexualidade também é uma forma distinta de autoconhecimento. Por exemplo, quando um homem e uma mulher se casam, eles casam em nome do amor, de um sentimento, não é algo palpável e muitas vezes, com essa transformação, pode acontecer do homem vir a trair a mulher e a mulher o homem ou ter filhos em relações extraconjugais. O que não faz com que o heterossexualismo deixe de ser o heterossexualismo. Mas a maneira como se trabalha a heterossexualidade, dando princípio moral e condições intelectuais para se manter a heterossexualidade dentro dos parâmetros normais da sociedade é o mesmo com que o homossexualismo, e não a homossexualidade, foi divulgado. Então essa palavra não tem mais como ser extinguida da natureza linguística, o homossexualismo. Mas a homossexualidade tem como ser considerada como um fator comparável ao da heterossexualidade e não do heterossexualismo...

Maria Adélia – Nossa! Deu um nó!

Janaína – Mas deu pra entender mais ou menos, né?

Maria Adélia – Mas... o que a gente fala aqui é da diferença do transexual, travesti e homem trans... Agora homossexualidade a gente nunca... eu nunca participei de um debate assim...

Janaína – É porque é origem mesmo da palavra...

Maria Adélia – Por que todos os TTs aí, homens trans... não é tudo dentro da homossexualidade?

Janaína – Não, não. É como se fosse uma forma mais profunda, mais analítica mesmo do conhecimento, por exemplo, divindade e deidade estão bem distantes, mas se você for começar a pensar e analisar precisa de uma meditação. Se parte do princípio de uma divindade pra você chegar no conceito de uma deidade clara, que é isso: me encontro só no mundo divino, no mundo autêntico. Então a homossexualidade pra se ter certeza, ela tem que ser conhecida, tem que ser praticada, assim como a heterossexualidade, precisa ser praticada. Normalmente, um homem e uma mulher, a relação deve se prolongar. O que acontece muitas vezes é que quando chega lá nos sessenta anos “Ai, ele precisa de ...(trecho incompreensível) Então ele não está bem de acordo que as vezes tem dentro do próprio relacionamento a heterossexualidade, a homossexualidade, a bissexualidade, a transexualidade. Não transexualismo. Porque é levar pra fora e tirar de dentro de si aquilo que é público. Quer dizer que o homossexualismo é uma ação pública, assim como o heterossexualismo. Agora, a heterossexualidade de cada pessoa e a homossexualidade de cada pessoa, tem que ser vista justamente como algo nobre por questões científicas, religiosas. (interrupção) ...Existem países europeus que já estão praticamente a caminho, só que no mundo da globalização hoje as pessoas não estão preocupadas somente com o que vem de dentro, elas querem receber o que vem de fora. Informação suficiente, material de conquista pra se manter e ainda conquistar mais do que eles precisam, artefatos e outros objetos e coisas assim. Não é que essas questões paralelas estão abandonadas, elas estão à mercê da sociedade mesmo. Muitas vezes uma pessoa fóbica, o que eu acho uma injustiça, tanto é que eu estou escrevendo um livro “A cura da homossexualidade e da homofobia pela diversidade”, porque foi aonde eu encontrei uma certa justiça. Assim, eu não encontrei todos os direitos nem todos os deveres sendo cumpridos porque é algo novo, a diversificação. Isso serve para a heterossexualidade, pra homossexualidade e pra transexualidade, mas nunca vai extinguir...

Maria Adélia – É novo, mas não é novo (risos)

Janaína – É, mas não vai extinguir o homossexualismo, o heterossexualismo, porque o heterossexualismo é uma forma divina de se contemplar... mas a partir do momento em que o marido começa a trair a esposa ou ter filhos com outros cônjuges, extrapola a própria heterossexualidade. Mas o heterossexualismo vai continuar. Então, a homofobia sexual é (trecho incompreensível) mas a homofobia intelectual é diferente. Em níveis que tem a homofobia na própria paternidade “ai, eu não quero ter filho não”. Sendo que tem mães que tem dez, vinte filhos naturalmente, independente da alfabetização. Então, eu acho que o princípio da fobia deveria ser usado para ter mais consideração, na minha visão. (interrupção) A única coisa que eu quero estudar é Filosofia, porque eu quero morrer em paz, Dona Adélia. Porque eu acho assim, morrer em paz é você cumprir a sua missão na Terra. A partir do momento que você tem isso na sua mente como algo... agora quando você tem algo pendente, alguma coisa te puxando pra trás é... então, se você quiser colocar uma opinião minha está aí. Mas ali tem umas perguntinhas que eu fiz que eu falei par ela, eu adoro aquela palavra (trecho incompreensível), como é que eu especifiquei isso? Toma lá, dá cá! Que eu vi isso naquele filme Canibal “Butterfly... borboletas não sei o que lá... Se você puder me dar uma opinião a respeito daquelas duas últimas coisas... Ai, me ajuda, por favor... Falta muito ainda, dentro do profissionalismo, acho que existem ainda muitas questões que a inspiração ainda não tem opinião própria em si. As pessoas que é inspirada mesmo a qualquer tipo de ato, não impede até que ela seja homofóbica ou cause algum tipo de fobia intelectual, ela é fóbica intelectual, ela é fóbica sentimentalmente, ela tem medo de desenvolver sentimentos de afeição. Então, ela é fóbica sentimental ou... sentimentalmente fóbica ou algo assim... A literatura não exclui termo nenhum desde que ele seja coerente.

Qual a sua perspectiva para o futuro?

A minha perspectiva para o futuro é, primeiramente, ser feliz. Segundo é me adaptar à sociedade de acordo com que eu possa perceber também que a sociedade se adapte a mim, sem nunca ser muito a favor, nem ser muito

contra... Terminar de escrever os meus livros e envelhecer tranquilamente, sem sofrimento.

Nome: Natacha da Silva

Eu gostaria de saber por que você deixou de estudar?

Eu deixei de estudar há 21 anos atrás por motivo de... hoje em dia é bullying que fala, né? Mas antigamente era preconceito mesmo, dos alunos e eu tive que sair da escola por isso. E também fui ajudar minha família, minha mãe trabalhava, sustentava sete filhos e o meu pai não, não ajudava ninguém dentro de casa. E eu tive que sair pra trabalhar, aí foi o motivo que eu parei de estudar também.

O ambiente escolar naquela época te causava medo?

Sim, sim. Porque sempre tinham alunos que esperavam eu e mais duas... duas... como eu posso dizer? Dois homossexuais que tinham na escola... Esperava nós três pra querer bater, pra fazer arruaça, pra xingar...

Você sentia que tinha algum tipo de proteção do corpo docente? Algum professor falava alguma coisa?

Não, nenhum. Nunca.

Que diferença você estabelece entre o CIEJA e as outras escolas que você já frequentou?

Porque depois de 21 anos, como eu te disse, a única escola que abriu as portas para as transexuais, travestis, os homens trans foi o CIEJA Cambuci e o (EMEF) Celso Leite (Ribeiro Filho). Do Celso Leite eu não posso falar nada porque não conheço lá, mas o que abriu as portas pra gente foi aqui mesmo o CIEJA Cambuci.

E tem esse ambiente de acolhimento mesmo?

Sim, sim, todas elas, todas as pessoas. Dos professores, gestão... os

professores daqui são maravilhosos e as professoras, não tem o que falar deles, a diretora Dona Adélia...

O projeto Transcidadania foi responsável pelo seu retorno à escola. Você se sentiu mais segura pra voltar?

Sim, me senti mais segura. Por que? Porque não sou só eu que estou aqui. Eu não estou sozinha. Tem milhares de meninas e meninos trans que estão aqui. Então, dá mais conforto pra gente vir à escola. E acho que deveria abrir mais isso, para as outras trans que estão esperando por conta desse projeto.

Você acredita que esse projeto pode ser ampliado para os outros CIEJAs?

Eu acredito que sim. Mas ainda tem aquele motivo que... as pessoas olham a gente assim, com aquele medo e não é bem assim. Está aí a Dona Adélia que é a diretora da escola, ela sabe que não é nada disso.

Você acha que nesse momento de efervescência de discursos preconceituosos, reacionários, em que as pessoas acham absurdo discutir gênero na escola. Você acha que o CIEJA tem um papel muito importante e transformador dentro dessa realidade?

Sim, porque eles estão apoiando a gente aqui e estão vendo que não é bem assim, sobre essa questão do preconceito. Hoje em dia e, digo... antigamente eles falavam que a gente era marginal, usuárias de droga, que fazia e acontecia e não são todas. Tem realmente algumas que são, mas não tem que generalizar. Como tem hétero que é marginal, estão matando por aí, pai de família matando filho, filha, estuprando e você não vê casos de travestis e transexuais fazendo isso.

Você acredita que a transfobia, a homofobia e a lesbofobia estão ligadas à falta de conhecimento?

Sim, porque as pessoas julgam antes de conhecer. Daí é mais fácil julgar do que você chegar e conversar com a pessoa e ver que não é nada daquilo. Porque todo mundo vem com aquele preconceito de ver... vem uma travesti, uma lésbica e fala "Ai, não! Sai fora"... Mas, somos todos iguais.

Qual é a sua perspectiva para o futuro?

Melhoras e melhoras... Eu quero ser enfermeira. Se Deus quiser eu vou conseguir!